

A EVOLUÇÃO DO SISTEMA DAS VOGAIS PORTUGUESAS

EURICO BACK

(Universidade Federal do Paraná)

1. O primeiro estado lingüístico

Antes de Cristo, numa época anterior ao desaparecimento do acento melódico e da quantidade, o latim possuía um sistema de dez vogais, já suficientemente estudado pelos autores e que servirá de ponto de partida para o presente trabalho.

O esquema seguinte revela os traços distintivos das vogais, portanto como fonemas.

O esquema (fonêmico) das vogais

		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS	longas	/i:	u:
	breves	i	u
MÉDIAS	longas	e:	o:
	breves	e	o
BAIXAS	longa	a:	
	breve	a/	

As vogais longas se realizavam como fechadas; e as breves, como abertas, com exceção das vogais baixas, que não mantinham tal contraste. A estrutura seguinte mostra os traços irrelevantes, acrescentados aos fonemas, portanto o conjunto dos alofones.

A estrutura (fônica) dos alofones.

		ANTERIORES não-arred.	CENTRAIS não-arr.	POSTERIORES arredondadas
ALTAS	{ longas fechadas	(i:		u:
	{ breves abertas	ɪ		ʊ
MÉDIAS	{ longas fechadas	e:		o:
	{ breves abertas	ɛ		ɔ
BAIXAS	{ longa		ɑ:	
	{ breve		ɑ)	

Apresentamos as baixas como centrais, não-arredondadas e abertas, embora não se encontre base concreta para tal afirmativa: poderiam ser fechadas ou também posteriores.

Criou-se numa certa fase do latim uma redundância entre as vogais longas e entre as breves, excetuadas as vogais baixas (Meillet, 1948; Haudricourt, 1949, 18-9; Wartburg, 1956, 45). Como a evolução das vogais no latim imperial (sardo, romeno) não foi idêntica, conclui-se que nem tôdas as regiões receberam ou aceitaram a fonia do traço sônico de aberto para as breves.

Por que não se criou a redundância para as vogais baixas? A explicação encontramos na evolução fonológica do latim na fase anterior (Niedermann, 1945, 28 e ss.): em sílabas interiores e em sílabas finais, fechadas não se manteve o /a/, que sofreu apofonia. As vogais baixas mantinham oposição entre si, em sílabas iniciais e em finais abertas. Era, portanto, muito fraco o rendimento fonêmico entre /a:/ e /a/. E em sílaba final aberta se estabelecera uma redundância não de ordem fônica, mas de ordem sintática: a oposição /sagitta:/ : /sagitta/ passou a ser expressa por oposição sintática. A presença da preposição passou a indicar ablativo; a ausência, o nominativo. O traço de longo ou breve tornou-se redundante em sílabas finais para as vogais /a:/ e /a/, que mantinham oposição unicamente em sílaba inicial, ambiente em que o rendimento fonêmico devia ser quase nulo, em parte porque pares mínimos seriam em número provavelmente muito reduzido, em parte porque, mesmo ali, a oposição fôra destruída: diante de consoantes geminadas a vogal era breve; houve o alongamento das vogais breves em numerosos casos. (Niedermann, 1945, 90 e ss.).

Esta é a razão por que não surgiu o contraste fônico entre as vogais baixas; mas entre as vogais altas e médias o contraste entre as longas e breves se acentuou. O abrimento da vogal /e/ para o seu

alofone (E), da vogal /o/ para o seu alogfone (O) aumentou a nitidez da oposição, porque os alofones abertos não se aproximaram, em seu timbre, de nenhum fonema. A mesma tendência em afastar em timbre as vogais breves das longas aproximou as vogais altas breves das vogais médias, longas até que os identificou no timbre, mantendo-se a oposição de longa : breve

/i/ = (I) evoluiu para (e).

/u/ = (U) evoluiu para (o).

Tal evolução repercutiu sobre outros pontos do sistema: Houve a fonemia dos traços fônicos de fechado e aberto entre as vogais médias, e (E) e (O) se transformaram em fonemas, nos quais a quantidade era irrelevante, redundante — defonemia da quantidade:

/e/ = (E) evoluiu para /E/.

/o/ = (O) evoluiu para /O/.

Houve a transfonemia das vogais altas breves:

/i/ = (I) evoluiu para (e) = /e/.

/u/ = (U) evoluiu para (o) = /o/.

Tal evolução significa a transfonemia também das vogais altas, longas pela defonemia da quantidade: nelas a quantidade se tornou irrelevante.

/i:/ = (i:) evoluiu para /i/ = (i:).

/u:/ = (u:) evoluiu para /u/ = (u:).

Mantiveram-se nesta época as vogais /e:/ e /o:/, além da oposição de /a:/ : /a/.

O resultado nos transporta para o segundo estado lingüístico, com novo esquema e nova estrutura.

2. O segundo estado lingüístico.

O esquema.

		POSTERIORES	ANTERIORES
ALTAS		/i	u
MÉDIAS	<div> <div>fechadas</div> <div>abertas</div> </div>	e	o
		e:	o:
		E	O
BAIXAS	<div> <div>fechada</div> <div>aberta</div> </div>	a:	
		a/	

			ANTERIORES não-arred.	CENTRAIS não-arred.	POSTERIORES arredondadas
ALTAS	fechadas	longas	(i:		u:
MÉDIAS	fechadas	breves	e		o
		longas	e:		o:
	abertas	breves	ɛ		ɔ
BAIXAS	fechada	longa		ɑ:	
		breve		ɑ)	

Exemplos das vogais que evoluíram.

/i/ = (I) – (e) = /e/.

Ortogr. lt.	Significado	Latim	2.º estado ling.
piram	"pêra"	/ˈpiRa/ = ('piRa)	– ('peRA) = /ˈpeRa/...
siccum	"sêca"	/ˈsikka/ = ('sikka)	– ('sekka) = /ˈsekka/...
sinum	"seio"	/ˈsinu/ = ('sinU)	– ('seno) = /ˈseno/...
pillum	"pêlo"	/ˈpillu/ = ('pilLU)	– ('pelLo) = /ˈpelLo/...
picem	"pez"	/ˈpike/ = ('pice)	– ('pece) = /ˈpeke/...

/u/ = (U) – (o) = /o/.

plenum	"cheio"	/ˈple:nu/ = ('ple:nU)	– ('ple:no) = /ˈple:no/...
totum	"todo"	/ˈto:tu/ = ('to:tU)	– ('to:to) = /ˈto:to/...
lupum	"lôbo"	/ˈlupu/ = ('LUpU)	– ('Lopo) = /ˈLopo/...
lutum	"lodo"	/ˈlutu/ = ('LuTU)	– ('Loto) = /ˈLoto/...
turrim	"tôrre"	/ˈtuRre/ = ('tURRE)	– ('toRRE) = /ˈtoRRE/...

/e/ = (E) – /ɛ/ = (E).

decem	"dez"	/ˈdeke/ = ('dEcE)	– /ˈdEkE/ = ('dEcE)...
herbam	"erva"	/ˈeRba/ = ('ERba)	– /ˈERba/ = ('ERba)...
fellem	"fel"	/ˈfeLle/ = ('FEIIE)	– /ˈFELLE/ = ('FEIIE)...
petram	"pedra"	/ˈpetRa/ = ('pEtRa)	– /ˈpEtRa/ = ('pEtRa)...
ferrum	"ferro"	/ˈfeRRU/ = ('FERRU)	– /ˈfERRO/ = ('fERRo)...
leporem	"lebre"	/ˈLepoRe/ = ('LEpORE)	– /ˈLEpORE/ = ('LEpORE)...

/o/ = (O) – /ɔ/ = (O).

rotam	"roda"	/ˈROta/ = ('ROta)	– /ˈROta/ = ('ROta)...
novem	"nove"	/ˈnOwE/ = ('nOwE)	– /ˈnOwE/ = ('nOwE)...
operam	"obra"	/ˈOpERa/ = ('OpERa)	– /ˈOpERa/ = ('OpERa)...
sortem	"sorte"	/ˈsoRtE/ = ('SORtE)	– /ˈsoRtE/ = ('soRtE)...
socrum	"sogra"	/ˈsOkRa/ = ('sOkRa)	– /ˈsOkRa/ = ('sOkRa)...

/i:/ = (i:) – /i/ = (i:).

spinam	"espinha"	/ˈspi:na/ = ('spi:na)	– /ˈspina/ = ('spi:na)...
uitem	"vide"	/ˈwi:te/ = ('wi:tE)	– /ˈwitE/ = ('wi:tE)...
dico	"digo"	/ˈdi:ko:/ = ('di:ko:)	– /ˈdiko:/ = ('di:ko:)...
riuum	"rio"	/ˈRi:u/ = ('Ri:U)	– /ˈRio/ = ('Ri:u)...
ripariam	"ribeira"	/ˈRi:ˈpa:Ria/ = (Ri:ˈpa:Ria)	– /ˈRi:ˈpa:Rya/ = (Ri:ˈpa:Rya)...

/u:/ = (u:) - /u/ = (u:).

scutum	"escudo"	/sku:tu/	= ('sku:tU)	- /'skuto/	= ('sku:to)...
nudum	"nu"	/nu:du/	= ('nu:dU)	- /'nudo/	= ('nu:do)...
uam	"uva"	/u:wa/	= ('u:wa)	- /'uwa/	= ('u:wa)...
mulum	"mu"	/mu:Lu/	= ('mu:LU)	- /'muLo/	= ('muLo)...
pulicem	"pulga"	/pu:Lika/	= ('pu:lIka)	- /'puLeKa/	= ('pu:leka)...
lucem	"luz"	/Lu:ke/	= ('Luce)...	- /'LukE/	= ('Lu:cE)

Durante o segundo estado lingüístico a quantidade era irrelevante nos fonemas /i/, /u/, /E/ e /O/. Pôde desaparecer, sofrer defonia, o que efetivamente ocorreu, arrastando consigo também as vogais baixas, que só mantinham a oposição entre si nas sílabas iniciais: deu-se a transfonemia coincidente das vogais baixas. Com o desaparecimento da quantidade, /a:/ e /a/ confluíram num fonema único, /a/ vogal baixa, diferente do /a/ do estágio anterior, que era uma vogal baixa, breve.

Tôdas estas evoluções não trouxeram confusão fonêmica, a não ser na vogal baixa, contudo em raríssimos casos. Isto se explica, porque a individualidade de cada fonema foi preservada, e na vogal baixa se preservou a individualidade das palavras.

A quantidade nas vogais médias, fechadas se conservou durante mais tempo. Escreve Haudricourt: "La quantité a subsisté plus ou moins long temps, suivant les différentes régions, pour disparaître **par étapes successives**". (Haudricourt, 1949, 19). (O grifo é nosso).

O motivo se encontra na distribuição das vogais do latim. Observando a evolução das vogais do latim arcaico (Niedermann, 1945, 28 e ss.) e não levando em conta os empréstimos nem as reconstituições analógicas, porque seriam de fraco rendimento fonêmico ou por serem em pequeno número ou por terem redundância no campo morfológico, e porque desconhecemos a sua amplitude no latim vulgar, de que deriva o português, verificamos que as vogais latinas, tinham oposição entre si em certos ambientes e em outros não, conforme a sua distribuição.

FONEMAS:	Em oposição:	Sem oposição:
/u:/ : /u/	Nas sílabas tônicas e pretônicas.	Nas sílabas postônicas.
/o:/ : /u/	Nas sílabas tônicas e pretônicas.	Nas sílabas postônicas.
/u/ : /o/	Nas sílabas iniciais.	Nos demais ambientes.
/u:/ : /o:/	Em todos os ambientes.	Em nenhum ambiente.
/i:/ : /i/	Nas sílabas tônicas e pretônicas.	Nas sílabas postônicas.

/e:/ : /i/	Nas sílabas tônicas e pretônicas.	Nas sílabas postônicas.
/i/ : /e/	Nas sílabas iniciais e nas sílabas fechadas.	Nas sílabas não-iniciais, abertas.
/i:/ : /e:/	Em todos os ambientes.	Em nenhum ambiente.

Praticamente não havia oposição entre as vogais breves da série posterior; uma oposição um pouco mais acentuada entre as breves da série anterior. Se, nesta fase, fôsse de esperar uma transfonemia coincidente de vogais, esta seria entre as duas vogais breves da série posterior e também entre as duas da série anterior. Tal confluência não ocorreu, porque as vogais breves se tornaram abertas, e o abrimento bucal se tornou distintivo e de maior pêso do que a quantidade. (I) e (U) eram muito mais fechados do que /E/ e /O/. Acresce outro fator: as vogais correspondentes /i/ e /u/, altas, tinham oposição nítida em todos os ambientes em que se manifestavam, com as vogais /e/ e /o/, e vingou o princípio de que os fonemas tendem a ter o mesmo comportamento. Durante a segunda fase pôde desaparecer a quantidade, sem prejuízo, excetuado o caso das vogais médias, fechadas. As vogais altas e breves se distanciaram gradualmente do timbre das altas e longas, até alcançarem o timbre das vogais médias e longas. Dois fatores podem ter contribuído para que alcançassem as vogais médias e fechadas: as vogais médias e breves tinham o alofone (E) e um campo de dispersão além dêste ponto — quanto maior o afastamento, mais nítida a diferença; e no latim arcaico, as vogais altas /i/ e /u/ alcançaram maior freqüência no léxico, maior pêso fonêmico, quando o ditongo /ey/ evoluiu para /i:/, /ew/ para /u:/, /oy/ para /u:/ e /ow/ para /u:/ (Niedermann, 1945, 80 e ss.). Apenas no segundo estado lingüístico, após as transfonemias já estudadas, ocorreu a defonia da quantidade: a quantidade desapareceu totalmente como traço irrelevante, e houve uma reformulação da estrutura, não porém do esquema, pois a quantidade se mantinha como traço distintivo entre as vogais médias, fechadas. Quando, porém, ocorreu a defonemia da quantidade nas vogais baixas com a sua transfonemia coincidente, a quantidade não pôde resistir por muito mais tempo entre as vogais médias e fechadas, pelo princípio da simetria ou do comportamento idêntico dos fonemas: em tôdas as vogais havia desaparecido a quantidade, /i/, /u/, /E/, /O/ e /a/. Então ocorreu a transfonemia coincidente de /e:/ com /e/ para /e/ e de /o:/ com /o/ para /o/. Por último desapareceu a quantidade e tal evolução nos leva ao terceiro estado lingüístico.

Contudo alguém poderia objetar que a quantidade desapareceu antes da fusão dêstes dois pares de vogais; isto é, quando a vogal latina /i/ e /u/ ainda tinham os seus alofones (I) e (U). Ou com outras palavras: a quantidade desapareceu, quando ainda existia a estrutura indicada no primeiro estado lingüístico, o que teria trazido a fonemia de /I/ e de /U/. E a transfonemia coincidente que ocorreu, foi entre os fonemas /I/ e /e:/ da série anterior e /U/ e /o:/ da série posterior.

Ora, tal hipótese deve ser falsa, não só porque a evolução apresentada por nós se coaduna com o princípio da simetria dos fonemas, mas também porque a segunda contraria os princípios da fonêmica.

Vejamos. O desaparecimento da quantidade possibilitou o aparecimento do acento intensivo. Línguas que possuem o acento de intensidade, podem manter a quantidade nas sílabas intensivas ("tônicas"), mas nas sílabas átonas se obscurece a quantidade (Camara Jr., 1959, 77). Ora, se a quantidade tivesse desaparecido antes, os fonemas /I/ e /e/ e também /U/ e /o/ estariam em oposição exatamente nos ambientes possíveis: em sílabas ("pretônicas" e em) "tônicas". Não havia oposição, como já vimos, entre estas vogais em sílabas postônicas. Se a situação fôsse exatamente inversa, poder-se-ia admitir a confluência de /I/ e /e/ e de /U/ e /o/. Com o desaparecimento da quantidade, estas vogais não podiam confundir-se em sílabas "tônicas", onde é mais nítida a diferença de timbre, e as vogais /I/ e /U/ teriam passado à língua portuguesa.

Como a língua portuguesa não recebeu essas vogais, conclui-se que os fonemas /I/ e /U/ não existiram, e a segunda hipótese deve ser abandonada. Teria sido impossível, em sílabas "tônicas", a transfonemia das vogais altas, abertas com as médias fechadas.

3. O terceiro estado lingüístico.

O ESQUEMA

		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS		/i	u
MÉDIAS	fechadas	e	o
	abertas	E	O
BAIXA		a/	

Exemplos da evolução das vogais do 2.o para o 3.o estado lingüístico.

(i:) — (i) transfonia. O fonema /i/ permanece.

spinam	"espinha"	... /'spina/	= ('spi:na)	-- ('spina)	= /'spina/...
uitem	"vide"	... /'witE/	= ('wi:tE)	-- ('witE)	= /'witE/ ...
dico	"digo"	... /'diko:/	= ('di:ko:)	-- ('diko)	= /'diko/...
riuum	"rio"	... /'Rio/	= ('Ri:ø)	-- (Rio)	= /'Rio/...

(u:) — (u) transfonia. O fonema /u/ permanece.

scutum	"escudo"	... /'skuto/	=('sku:to)	-- ('skuto)	= /'skuto/...
nudum	"nu"	... /'nudo/	= ('nu:do)	-- ('nudo)	= /'nudo/...
uam	"uva"	... /'uwa/	= ('u:wa)	-- (uwa)	= /'uwa/...
mulum	"mu"	... /'muLo/	= ('mu:Lo)	-- (muLo)	= /'muLo/...
pulicem	"pulga"	... /'puLeKa/	= ('pu:leka)	-- ('puleka)	= /'puLeKa/...
lucem	"luz"	... /'LukE/	= ('Lu:cE)	-- ('LucE)	= /'LukE/...

/a:/ — /a/.

pratum	"prado"	... /'pRa:to/	-- /'prato/...
fabam	"fava"	... /'fa:ba/	-- /'faba/...
pacem	"paz"	... /'pa:kE/	-- /'pakE/...
naricem	"nariz"	... /'na:RikE/	-- /na'RikE/...
uaginam	"bainha"	... /wa:'gina/	-- /wa'gina/...
hac hora	"agora"	... /a:'ko:Ra/	-- /a'koRa/...

/a/ — /a/.

patrem	"pai"	... /'patRE/	-- /'patRE/...
latus	"lado"	... /'Lato/	-- /'Lato/...
animam	"alma"	... /'anema/	-- /'anema/...
terram	"terra"	... /'tERRa/	-- /'tERRA/...
arenam	"areia"	... /a'Re:na/	-- /a'Rena/...
aprillem	"abril"	... /a'pRilE/	-- /a'pRilE/...

/e:/ — /e/.

mensem	"mês"	... /'me:sE/	-- /'mesE/...
prehensum	"prêso"	... /'pRe:sa/	-- /'pReso/...
tres	"três"	... /'tRe:s/	-- /'tRes/...
plenum	"cheio"	... /'ple:no/	-- /'pLeno/...
credo	"creio"	... /'kRe:do:/	-- /'kRedo/...
telam	"teia"	... /'te:La/	-- /'teLa/...

/o:/ — /o/

florem	"flor"	... /'flo:RE/	-- /fLoRE/...
totum	"todo"	... /'to:to/	-- /'toto/...
prorum	"proa"	... /'pRo:Ra/	-- /'pRoRa/...
ouum	"ôvo"	... /'o:wo/	-- /'owo/...
cohortem	"côrte"	... /'ko:RiE/	-- /'koRiE/...

O sistema de vogais alcançado assim, no território lusitano, pelo latim imperial se manteve durante séculos até que, no galego-português, uma situação de redundância ensejou reformulação do sistema, ou melhor, a criação de um subsistema.

As vogais que precediam uma apical nasal, intervocálica, sofreram transfonia de vogais orais para vogais nasais correspondentes, alofones diante de consoante apical, nasal, intervocálica. As vogais

médias, abertas, neste ambiente, sofreram diafonia para as vogais médias, fechadas, correspondentes. O alofone (ã) da vogal baixa /a/ sofreu transfonía para vogal nasal, central, média, fechada, (ë). Como não havia oposição entre vogal nasal mais consoante nasal e vogal nasal em hiato, i.e., sem consoante nasal, houve defonia desta consoante nasal, por desnecessária à economia da língua, e fonemia das vogais nasais. As vogais nasais se comprovam como fonemas em oposição às orais, que sofreram transfonemia por adquirirem como distintivo o traço fônico de oral, pelos pares mínimos /'mao/ "mau" do latim malum; /'mão/ "mão" do latim manum; /'veE/ "vê" do latim uidet; /'veE/ "vem" do latim uenit; /'vii/ "vi" do latim uidi; /'vii/ "vim" do latim ueni; e pelos ambientes análogos /'tua/ "tua" do latim tua; /'ua/ "uma" do latim una; /'koa/ "coa" do latim colat; /sõa/ "soa" do latim sonat (1).

O esquema fonêmico das nasais permaneceu até hoje. Diante de vogal:

/in/ = (in) – (in) – (i) = /i/.
 /en/ = (en) – (en) – (e) = /e/.
 /En/ = (En) – (En) – (en) – (e) = /e/.
 /an/ = (an) – (ãn) – (en) – (e) = /ã/.
 /On/ = (On) – (Õn) – (õn) – (õ) = /õ/.
 /on/ = (on) – (õn) – (õ) = /õ/.
 /un/ = (un) – (un) – (u) = /u/.

A fonemia das vogais nasais causou a transfonemia das orais, que adquiriram como distintivo o traço fônico de oral.

Essas evoluções nos levam ao 4.o estado lingüístico.

O 4.º estado lingüístico.

As vogais se apresentam em dois subsistemas, o das vogais orais e o das vogais nasais, aquele idêntico ao do 3.º estado lingüístico, com acréscimo único do traço distintivo de oral, este inteiramente nôvo.

O esquema das vogais orais

		ANTERIORES	POSTERIORES
ALTAS		/i	u
MÉDIAS	fechadas	e	o
	abertas	E	O
BAIXA		a/	

(1) Falta o til, por falhas tipográficas.

Esquema das vogais nasais.

	ANTERIORES	CENTRAL	POSTERIORES
ALTAS	/i/	ã	u
MÉDIAS	e		õ/

Exemplos da evolução das vogais nasais.

Ortogr. lt. Significado 3.º estado ling. 4.º estado lingüístico

/a/ — /ã/.

vinum	"vinho"	.../'vino/	— /'vio/...	
caminum	"caminho"	.../ka'mino/	— /ka'mio/...	
gallinam	"galinha"	.../gal'lina/	— /'seo/...	
arenam	"areia"	.../a'rena/	— /a'rea/...	
sinum	"seio"	.../'seno/	— /gal'lia/...	
uenam	"veia"	.../'vena/	— /'vea/...	
granum	"grão"	.../'grano/	— /'grão/...	
canes	"cães"	.../'kanes/	— /'kães/...	
lanam	"lã"	.../'lana/	— /'lãa/...	
lunam	"lua"	.../'luna/	— /'lua/...	
unum	"um"	.../'uno/	— /'uo/...	
bonum	"bom"	.../'bOno/	— /'bono/	— /'bõo/...
sonat	"soa"	.../'sOna/	— /'sona/	— /'sõa/...
sonum	"som"	.../'sOno/	— /'sono/	— /'sõo/...
tenes	"tens"	.../'tEnes/	— /'tenes/	— /'tees/...
latrones	"ladroes"	.../la'drones/	— /la'drões/...	
ponere	"pôr"	.../po'ner/	— /põ'er/...	

E êste sistema se manteve até os nossos dias. Não — assinalamos as evoluções que trouxeram, unicamente, nova distribuição das vogais ou criaram novos alofones (mudança na estrutura, não no sistema).

BIBLIOGRAFIA

- BOURCIEZ, EDOUARD — *Eléments de Linguistique Romane*, 4.ª ed., Librairie C. Klincksieck, Paris. (1954).
- COUTINHO, ISMAEL DE LIMA — *Pontos de Gramática Histórica*, 3.ª ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. (1954).
- DYEN, ISIDORE — Why phonetic change is regular, in "Language", vol. 39, n.º 4 (1963).
- FARIA, ERNESTO — *Fonética Histórica do Latim*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro. (1955).
- GRANDGENT, C.H. — *Introduccion al Latin Vulgar*, 2.ª ed. em reprodução fotográfica, Madri. (1952).
- HAUDRICOURT A.G. e A.G. Juilland — *Essai pour une histoire structurale du phonétisme français*, Librairie C. Klincksieck, Paris. (1949).

- HILL, ARCHIBALD A. — Introduction to Linguistic Structures, Harcourt Brace & World, Inc., New York, Burlingame (1958).
Phonetic and phonemic change, in "Readings in Linguistics" de Martin Joos, 3.^a ed., American Council of Learned Societies, New York (1963).
- HJBER, JOSEPH — Altportugiesisches Elementarbuch, Carl Winters Universitätsbuchhandlung, Heidelberg. (1933).
- JAKOBSON, ROMAN — Principes de Phonologie Historique, in Principes de Phonologie par N. S. Trubetzkoy, Librairie C. Klincksieck, Paris. (1949).
- MART NET ANDRÉ — Économie des Changements Phonétiques, Editions A. Franke S.A., Berna. (1955).
- MAURER JR., THEODORO HENRIQUE — Gramática do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro. (1959).
O Problema do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro (1962).
- MEILLET, ANTOINE — Esquisse d'une histoire de la langue latine, 5.^a edição, Librairie Hachette, Paris (1948).
- MEYER-LÜBKE, W. — Grammaire des Langues Romanes. Tome Premier, Paris (1890).
- NIEDERMANN, MAX — Précis de Phonétique Historique du Latin, Librairie C. Klincksieck, Paris (1945).
- NUNES, JOSÉ JOAQUIM — Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa, 4.^a ed., Livraria Clássica Editôra A.M. Teixeira & Cia. (Filhos), Lisboa (1951).
- PIKE, KENNETH LEE — Phonemics, Ann Arbor, The University of Michigan Press (1963).
- SILVA NETO, SERAFIM — Fontes do Latim Vulgar, 3.^a ed., Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro (1956).
História do Latim Vulgar, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro (1957).
- TRUBETZKOY, N.S. — Principes de Phonologie, Librairie C. Klincksieck, Paris (1949).
- VASCONCELOS, J. LEITE DE — Lições de Filologia Portuguesa, 3.^a ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro (1959).
- WARTBURG, W. VON — Evolution et structure de la langue française, Editions A. Francke S.A., Berna (1965).
- WILLIAMS, EDWIN B. — Do Latim ao Português, MEC, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro (1961).